

Se alguém vos annunciar outro Evangelho além do que já recebestes, seja anathema.

S. PAU. AOS GALA. I, 9.

# A REFORMA

Não creaes a todo o espirito, mas provae se os espiritos são de Deus; porque já muitos falsos prophetas tem vindo ao mundo.

1.ª S. João IV, 1.

Pregai o Evangelho a toda a creatura.

S. MAR. XVI, 15.

## FOLHA EVANGELICA

II ANNO

PORTO, 15 DE AGOSTO DE 1878

NUMERO 2

### S. BARTHOLOMEU

Trata-se actualmente de erigir em Paris um monumento ao infeliz almirante Coligny, victima da terrivel carnificina do dia de S. Bartholomeu, em 1572.

Estando proximo o anniversario d'esse triste acontecimento, será interessante aos nossos leitores um esboço, tirado d'uma folha estrangeira, e que parece traçado por mão imparcial e moderada.

Sem entrar na historia politica d'aquelles tempos, nem nas intrigas e escandalos da cõrte, basta dizer, antes de passarmos á narraçãõ do caso, que o rei, Carlos IX, não era de maneira alguma o fanatico furioso que a historia muitas vezes pinta, mas antes um rapazão travesso e de mau humor, e um instrumento completamente sujeito á rainha-mãe, Catharina de Medicis. Era ella uma mulher de grande intelligencia, mas com um coração que trasbordava de odio e malicia contra os Huguenotes em geral, e Coligny em particular, e mesmo contra os da sua mesma religião que lhe fossem oppostos em politica. Entre estes se contavam os Bourbons, os Guises, e outros, porém, Catharina necessitava do seu auxilio para destruir os Huguenotes.

Consequindo isto, o ensejo de tratar dos outros tambem chegaria, e ella esperou.

Acabou-se o tempo da cõrte em Paris em julho de 1572, e o almirante Coligny partiu para a sua propriedade de familia em Chatillon. Aqui foi avisado de que lhe seria perigoso voltar a Paris. Fez pouco caso d'este aviso, declarou que tinha a consciencia de ser um leal servo do throno, e disse que muitas vezes tinha estado ao alcance dos sinos de Nõtre Dame com menos amigos do que elle agora encontraria alli. Os proprios sequazes d'elle; a comitiva de Henrique de Navarra, de Rochefoucault, Montgomery, Montmorency, e outros muitos nobres cavalheiros Huguenotes alli estariam, e estes homens durante dez annos tinham resistido a toda a força unida da França catholica, e actualmente preparavam-se para combater o Duque d'Alva, nos Paizes Baixos.

O Duque de Guise, que meditava a sua destruição, deu-lhe a mão na presença de Carlos, e este fallou apparentemente com bastante confiança sobre o exito da sua proxima expedição a Flandres.

Coligny demorou-se na capital para assistir ao casamento da princesa Margarida, irmã do rei de Navarra, e tencionava partir em dois dias para o exercito; mas a rainha-mãe projectava outra coisa. Ella odiava egualmente ao Duque de Anjou e a Coligny, e

procurou indispor os um com o outro, e assim livrar-se de ambos, na esperanza de que, se cahisse Coligny, o rei estaria mais completamente debaixo do seu dominio, mas sendo mallograda n'este intento, Coligny devia morrer por algum outro meio.

Os Huguenotes provavelmente tomariam armas para vingar a sua morte, mas depois d'alguns dias a sua furia se aplacaria. Alguns baldes d'agua lavariam o sangue dos passeios de Paris, e a catastrophe seria apresentada ao mundo como o ultimo acto da guerra civil. Assentou pois, o seu plano n'este sentido.

Um homem chamado Maurevert, já experimentado em empresas d'esta ordem, foi collocado n'uma casa proxima á morada de Coligny. Na manhã do dia 22, passava Coligny pela rua a passo lento, occupado a ler, e Maurevert fez-lhe fogo d'uma janella. Cahiu a sua victima, perdendo um dedo d'uma mão, e ficando-lhe uma bala no braço ou hombro do outro lado. Levaram-n'o para casa, e verificou-se que os tiros vieram d'um predio pertencente á familia de Guise, sendo visto o assassino, no acto de escapar, montado n'um cavallo do Duque. O rei jogava a pella quando lhe trouxeram a noticia.

Atirou com a roqueta ao chão com um gesto de impaciencia, e foi muito irado para o palacio. Navarre, Conde e outros vieram ter com elle, declarando que estavam em perigo de vida, e pedindo licença para se ausentarem de Paris. O rei retorquiu que era elle que estava ferido, e que faria dos assassinos um exemplo que serviria de escarmento a toda a posteridade.

Os planos da rainha-mãe até agora tinham-se mallogrado.

No dia seguinte, 23 d'agosto, entrou ella no gabinete do seu filho, trazendo na mão uns documentos, que provavelmente eram falsificados, e que tendiam a provar que o proprio rei estava em perigo. Affirmou-lhe que n'esse mesmo instante os Huguenotes se armavam. Dezeseis mil d'elles tencionavam reunir-se pela manhã, afim de se apoderarem do palacio, de destronarem a rainha e a nobreza catholica, e levar preso a Carlos. Os catholicos tinham descoberto essa conspiração, e não queriam ficar á espera de semelhante morte. Se o rei se recusasse a operar com elles, escolheriam outro chefe, e, em todo o caso, elle seria morto.

Relativamente a Coligny, accrescentou que elle aspirava a governar a França toda, e então, deixando cair a mascara, confessou ter ella conspirado com Anjou e os Guises para livrar o rei e o paiz de todo o perigo pela morte de Coligny. O primeiro golpe foi mal succedido, devia ser repetido sem mais demora. O almirante, com os mais chefes Huguenotes, devia morrer. Um adulto qualquer, no pleno uso de sua razão, teria suspeitado d'esta historia, em vista da proposta

com que rematava. A ser verdadeira, as mãos que podiam assassinar, tambem podiam prender, os conspiradores podiam ser tomados nas camas, e provado o crime, castigados legalmente. Mas Carlos era um rapaz fraco e apaixonado, a sós no conclave da iniquidade.

Durante uma hora e meia luctou contra a instancia da rainha-mãe.

«Pela morte de Deus!» exclamou em fim, dando um pulo da cadeira, «já que quereis matar o almirante, matae-os a todos. Matae todos os Huguenotes na França, para que não fique um que m'o lance em rosto. *Mort Dieu!* Matae-os a todos!» Fugiu então do gabinete. Em seguida fez-se uma lista dos que deviam morrer.

Ao principio foram incluídos Navarre e Conde, mas a rainha reflectiu prudentemente que com a morte dos Bourbons ficariam muito fortes os Guises. Acrescentaram-se mais cinco ou seis nomes ao do almirante, e Catharina asseverou depois que não tencionava matar mais do que estes. É provavel que nem ella pensava nos horrores que deviam sobrevir quando as turbas fossem enviadas contra as suas victimas.

Era já noite do dia 23. Chamados pela rainha, vieram Guise e Aumale com o duque de Montpensier, e tomaram conta de outros tantos districtos, visto habitarem os condemnados em diversas partes da cidade. Montpensier encarregou-se do palacio, e Guise com o tio ficaram com o almirante, e estes passaram as ordens para os chefes das secções organisadas, que uma vez foram desapontadas, mas cuja hora já era chegada. Os catholicos deviam distinguir-se por um lenço branco no braço esquerdo e uma cruz branca no gorro. O negocio devia começar na madrugada do dia 24.

O signal seria dado pelo grande sino do Palacio de Justiça, e a primeira morte seria a de Coligny.

Os soldados foram silenciosos para os seus postos. Quando a luz principiou a derramar-se, foi a rainha até á porta exterior.

O silencio da madrugada foi interrompido por acaso por um tiro de pistola.

Sentiu perder-lhe o animo, e mandou um mensageiro a Guise dizendo-lhe que parasse. Era, porém, já tarde. Mais um minuto, e o sino dobrou, e principiou a matança de S. Bartholomeu.

O almirante, cheio de febre das feridas, não dormia. O cirurgião e um ministro Huguenot, tinham passado a noite com elle. Ao primeiro ruido, imaginou que era um barulho entre os catholicos da côrte, mas, o estalar da sua porta, e os tiros e gritos no pateo que ficava debaixo da sua janella, convenceram-no de que, fosse a causa o que fosse, a sua vida era ameaçada. Sentou-se na cama. Disse então ao ministro, M. Malin, «Faça oração por mim; ha muito que espero isto.» Alguns da sua comitiva correram meio nus para o quarto. «Senhores, exclamou elle, tratae de vos salvardes. Eu encomendo a minha alma ao meu Salvador.» Fugiram, procurando escapar pelos telhados e varandas, ficando com elle tão sómente um criado allemão.

Inmediatamente arrombaram a porta, e o official encarregado da obra sangrenta, entrou com um criado bohemio do Guise, e um soldado Huguenot renegado, todos com espadas desembaiuhadas.

«Sois vós o almirante?» gritou o bohemio. Sou, replicou Coligny, e vós, sendo novo, deverieis respeitar a minha idade e feridas; mas o termo da minha vida não depende da vontade de taes como vós.» O bohemio, rogando uma praga, crivou-lhe o peito e deu-lhe um golpe na cabeça. A janella estava aberta.

«Está prompto?» gritou Guise de baixo. «já está prompto? Atirem-no para baixo para que o vejamos».

Ainda respirando, foi o almirante arremessado para as lages do pateo. Angouleme enxugou-lhe o sangue do rosto para certificar-se da sua identidade, e então dando-lhe um pontapé, gritou, «até aqui, vae muito bem. Coragem, rapazes! Agora vamos aos outros!» Um dos da gente do duque de Nevers decepou-o, e amarrada uma corda aos pés, foi arrastado o cadaver para a rua entre os urros da população. Teigny, que estava na casa contigua, saltara da camalogo que ouvira o primeiro barulho, e preparara por uma escada ao telhado. De traz d'um parapeito presenciou o assassinato do seu sogro, e, seguindo pelos telhados, escondeu-se n'umas aguas-furtadas; porém, seguindo-lhe elles a pista, foi descoberto e atirado ao pateo com um punhal espetado no lado. Da mesma maneira foram tractados Rochefoucault e os mais amigos do almirante que se achavam n'essa vizinhança, e tão completa foi a surpresa que não offerceram a menor resistencia.

Montpensier não foi menos bem succedido no Louvre. As escadarias estavam todas tomadas. A comitiva do rei de Navarra tinha sido alojada no palacio por especial desejo de Carlos. Os individuos que a compunham eram chamados pela lista dos nomes, e ao passo que desciam inermes ao pateo, eram feitos em pedaços. Abi, amontoados, cahiram debaixo da janella, á vista do desgraçado rei, o qual fôra empurrado para esse logar, entre a mãe e o irmão, para que fosse visto como complice na matança. A maioria das victimas cahiu logo morta. Alguns fugiram feridos pelas escadas acima, e foram mortos na presença das princezas.

Às sete horas já estava acabada a obra de que se encarregara Guise, com uma excepção. O conde Montgomery e o Vidame de Chartres estavam alojados no faubourg de St. Germain, do lado opposto do rio. Fôra enviado um bando de assassinos para darem cabo d'elle, mas estes se demoraram no caminho para tratar d'uma morte por conta propria. Assim que chegou a Montgomery a noticia de que Paris estava em armas, correu para a margem do rio com um punhado de homens, afim de acudir aos seus amigos. Os barcos, porém, estavam todos do outro lado, e os soldados fizeram fogo sobre elles desde o palacio. Diz-se até que Carlos lançou mão d'uma espingarda e desfechou contra elle. Montgomery então, com o Vidame, e alguns outros, montaram a cavallo, e a toda a pressa, fugiram para a Inglaterra.

Não tratamos da historia geral d'esta matança, mesmo em Paris, e não entramos na narração relativa ao paiz. Basta dizer que scenas semelhantes ás que acabamos de descrever foram presenciadas durante todo esse dia na capital, em Lyão, Orleans, Rouen, Toulon e metade das villas e aldeas de França, continuando a turba as brutalidades desapiedadas da soldadesca; e que pereceram n'essa occasião homens, mulheres, e crianças, em numero calculado por diversos historiadores de trinta para cem mil.

Os promenores são dados por um dos mais habéis e respeitaveis historiadores, James Anthony Froude, na sua magnifica obra intitulada, «A historia de Inglaterra,—da queda de Wolsey á morte de Izabel.»

Deixaremos, em conclusão, que falte elle, «A culpa de tão enorme iniquidade deve distinguir-se da causa. A criminalidade era da rainha-mãe, a causa era o fanatismo catholico. Catharina de Medicis tinha combinado a morte d'alguns individuos que lhe eram politicamente molestos, com a esperança diabolica de que os amigos d'estes se vingariam matando a Guise e seu tio, cuja influencia lhe era igualmente inconveniente. A matança era a obra espontanea d'um fre-

nesi theologico, que estava já a ferver, e os actores eram os instrumentos voluntarios de mestres religiosos tão sinceros no seu furor como elles mesmos. A equidade da historia exige que estes homens sejam julgados segundo os tempos em que viviam.

Podem ser perdoados os cidadãos de Paris e Orleans senão tinham mais luz que o supremo Pontífice da Christandade e o mui catholico rei de Hespanha. Diz-se que Philippe, quando lhe noticiaram o caso se riu pela primeira e unica vez na sua vida. Estava contente de se ver livre da combinação que ameaçava tirar-lhe os Paizes Baixos. Mas ainda mais profunda satisfação lhe causava a evidencia tão publica de que seu cunhado não pretendia contemporisar com a heresia — que a França não estava em perigo de passar com a Inglaterra para o schisma, e que o vestido sem costura do Salvador não seria dividido entre seus algozes.

Em Roma, no circulo dos sanctos, a alegria transbordava ainda mais.

A compaixão humana não podia ser abafada de todo, e cedo principiava a ouvir-se o sussuro da censura. Na cidade sancta porém houve uma manifestação universal de louvor ao Santo Padre, que se tinha compadecido de seus filhos. Os canhões do castello de S. Angelo deram salvas, o Papa Gregorio XIII andou a pé em procissão de igreja em igreja, offerecendo sacrificios de louvor e adoração, e por ordem da S. S. foi cunhada uma medalha com o proprio retrato d'elle d'um lado, e do outro uma representação do anjo exterminador no acto de immolar os Huguenots.»

Facil seria á igreja romana reprovar similhante barbaridade, porém, pelos actos que este auctor aponta, acceitou ella a responsabilidade d'este grande crime, dando-lhe a mais solemne approvação.

R. H. M.

(Traducção)

## A SOCIEDADE CIVIL E A RELIGIOSA

Jesus Christo estabelecendo as bases da sua sagrada doutrina, longe de querer fazer da verdadeira religião um obice ao desenvolvimento social, instituiu-a como um pharol que guiasse a humanidade pelas sendas do progresso. «Eu sou o caminho, a verdade e a vida», disse Christo.

Foi por isso que antes do raiar da aurora do Evangelho no mundo, nenhuma nação tinha sido verdadeiramente grande pela instrucção e pelas sciencias, e que sómente depois de Jesus Christo é que o mundo seguiu o caminho do verdadeiro progresso.

É por isso que Tocquevielle, alma grande e coração generoso, prescrutando as causas que ameaçam as sociedades modernas, não cogitava, sequer, d'essa que se quer hoje a todo a panno levantar, porque pareceu-lhe monstruoso que a igreja de Roma fosse incompativel com a liberdade.

A religião christã, a cuja sombra se tem formado as sociedades modernas, com a sua civilização e com o seu progresso, nunca foi inimiga da liberdade civil, que é a summa do progresso do nosso seculo.

Em sua origem, diz Emilio de Laveleye, o christianismo era democracia livre, em que todos os po-

deres emanavam da eleição. Exerciam a authoridade as assembleias deliberantes, correspondendo a cada igreja um conselho de anciãos, e o concilio á igreja universal.

Se, pois, as primeiras sociedades christãs e a propria igreja se regiam pelos dictames da mais ampla liberdade, como diz aquelle distincto escriptor e o confirma a historia d'aquelles tempos, como é que se pretende fazer agora da pedra angular das duas sociedades, do laço que ligava a sociedade civil e a sociedade religiosa, um pomo de discordia?

Como é que Luiz Veuillot declarou em nome da igreja: que não ha, não pôde haver catholicismo liberal, e que os catholicos liberaes, que são liberaes de veras, não são realmente catholicos?

Pois o principio que servio de base ás primeiras sociedades religiosas, no tempo da sua maior pureza e da sua maior gloria, é hoje o principio que aquella sociedade não pôde tolerar na sociedade civil, a ponto de declarar falso catholico o que fôr cidadão verdadeiramente liberal?

É verdade que Luiz Veuillot falla do catholicismo e não do christianismo, e todos sabem que a igreja de Roma, ao invéz da igreja christã primitiva, deixou o terreno da democracia livre, para firmar-se na centralisação com as vistas dar aos seus representantes toda a direcção das sociedades civis, todo o poder sobre a humanidade.

Isto, porém, é forçoso confessar, que já é um desvio dos principios prégados por Christo.

A religião d'uma nação nada tem que ver com a marcha politica d'essa mesma nação. «O meu reino não é d'este mundo», disse Christo.

Só por uma aberração d'este divino principio, poder-se-ha, por tanto, estabelecer incompatibilidade entre a igreja e a liberdade, entre a religião e os progressos das sociedades modernas.

E a aberração não parou no systema de centralisação adoptado pela igreja romana: foi além, foi até ao systema de dominação absoluta, com que sonham os ultramontanos, e pelo qual o papa nomeia os seus bispos, os bispos nomeiam os seus curas e abbades, e estes, pela influencia de sua missão, e pela obdiencia das *ovelhas*, se incumbem de dominar e dirigir o povo, segundo as vistas politicas dos bispos, de accordo com o plano geral do papa.

E isto vio-se ainda ha dias n'esta cidade, resolvendo a Associação Catholica, como asseveraram jornaes insuspeitos, d'esta cidade, ingerir-se nas eleições municipaes.

Esta aspiração, que é a bandeira do jesuitismo, é o maior perigo para os paizes onde predomina a religião romana, porque, se na idade media, quando o patrimonio das liberdades publicas era muito inferior ao actual, os povos não se quizeram despojar de tal patrimonio, e o papa naufragou na lucta com o imperio da Allemanha, como não será hoje que a arvore da liberdade, contra a qual attentam, tem custado uma somma enorme de sacrificios, e tem sido regada com o sangue de tantas gerações?

Jesus Christo mandou dar a Cesar o que era de Cesar, para ensinar que são independentes os dous poderes, mas que em vez de serem incompativeis podem perfeitamente conviver.

Deixem, pois, os jesuitas os seus estultos planos de dominação, e não se lhes importem que o povo comprehenda d'este ou d'aquelle modo os seus direitos e obrigações com relação a Cesar.

Qual a razão porque um povo que aspira a ser livre quanto ao seu governo; que aspira a ser o arbitro dos seus proprios destinos como nação, não pôde crêr do coração tudo o que ensina e crê a igreja romana?

E qual a razão porque um povo que entrega o seu destino a um tyranno, é o unico capaz de ser catholico ?

Será porque um povo livre quer a liberdade de consciencia, a liberdade de cultos ?

Jesus Christo respeitou a liberdade humana. Prêgou a verdade e deixou que a abraçassem ou repelisses livremente.

Como querem, pois, os sacerdotes do romanismo, que as nações usando do poder que teem de impor por meio das leis, coajam o cidadão a ser catholico, do mesmo modo como Mahomet e seus successores coajam pelo poder da espada ?!

A liberdade de consciencia e a liberdade de cultos são o mais glorioso triumpho das sociedades modernas.

Seja essa liberdade um facto no nosso paiz, e em vez da desmoralisação que reina hoje, quer da parte do clero, quer da parte do povo, dando o primeiro os mais lamentaveis exemplos, e fazendo este garbo de incredulidade, teremos o que se vê na Inglaterra, nos Estados-Unidos, na Allemanha, em todos os paizes onde ha liberdade de cultos, respeito e veneração pela religião, porque seus ministros não sendo privilegiados, se comportam muito differentemente d'aquelles que não precisam dar exemplos de moralidade, para viverem de seus beneficios.

É mesmo pela liberdade de consciencia e de cultos que havemos de ser um povo sinceramente religioso.

G. D.

---

## O CATHOLICISMO NOS ESTADOS UNIDOS

(Continuado do n.º antecedente)

3.º

### *O catholicismo nos Estados Unidos é anti-social*

Uma grande parte dos catholicos n'este paiz emprega-se no serviço domestico das familias protestantes.

Os padres ensinam aos creados e creadas d'essas familias que não é roubo o que elles poderem roubar.

O padre reclama para elle uma parte da soldada, e instiga-os a que a tirem dos seus amos, que são uns herejes.

D'ahi nascem esses escandalos sem fim, e uma desconfiança geral, que termina sempre em conflictos, quasi sempre produzidos por causas insignificantes.

D'ahi, a necessidade de toda a caridade e paciencia que só o Evangelho pôde inspirar no coração d'aquelles que teem de soffrer taes provocações em obsequio á *tolerancia religiosa*.

D'ahi sermões como os de Beecher e Foster.

A ideia suggerida pelos padres de que não era peccado o roubo feito pelos creados ás familias protestantes, raminificou-se geralmente; e até o proprio partido catholico que foi governo ha 16 annos, na cidade de Neuw-York, durante o tempo que se conservou á frente dos destinos d'aquelle paiz, roubou a bagatella de 45:000000000000. O mais respeitavel d'estes ladrões do thesouro publico, Guilherme Turedo foi condemnado a prisão cellular, aonde acaba de morrer. Em contraposição, porém, o arcebispo de

Neuw-York, João Hughes, morreu em paz no meio das riquezas, que lhe havia *dado para esmollas e obras pias*, o partido, que elle soube elevar ao poder com o «voto catholico».

O povo americano soffre tudo isto por honra da *tolerancia religiosa*, pois o catholicismo é tam somente para o povo fanatico uma *religião*; emquanto que para os chefes é simplesmente uma *conspiração politica*.

No meio de tudo isto vemos os homens da primeira condição social, e que professam o Evangelho, estimulando os seus correligionarios a tolerar os erros e admirar mesmo a lealdade d'aquelles que seguem um tam vicioso systema.

### *E como se portam os protestantes?*

Sim, que conducta observam geralmente os protestantes para com os catholicos, nos Estados Unidos ?

Factos que são do dominio de todos, nos dizem:

#### *1.º Toleram-n'os com a maior liberdade*

O *catholicismo* merece a condemnação de todos os bons patriotas, porém os catholicos são respeitados em seus direitos como se fossem protestantes.

Desde o mais infimo mister da sociedade, até ao mais elevado, o catholico que cumpre com os seus deveres, recebe o mesmo galardão que o protestante.

#### *2.º São tractados com verdadeira caridade evangelica*

A simples tolerancia é *negativa*. Os norte-americanos, porém, obram por um modo positivo. Vendo que muitos dos pobres, que vivem nas grandes cidades, são catholicos estrangeiros, promovem commissões de beneficencia para os socorrerem. Vendo tambem que milhares d'esses mesmos catholicos se acham na miseria, devido á ignorancia ou ao vicio, organisam commissões de missionarios para os evangelisar, arrancando-os, por esta forma, muitas vezes do mal e do peccado.

Sermões como os de Beecher e Foster, contribuem para que muitos homens e mulheres, vöem em socorro, d'aquelles que, faltando-lhe esse socorro perceriam á fome.

Entre aquelles que mais zelo e actividade empregam em tam santa crusada, notam-se os methodistas na cidade de Boston.

[Trad. d'el Evangelista de Montevideu].

---

## O ROMANISMO NA GRÃ-BRETANHA

N'estes ultimos annos, os romanos legitimos teem-se gabado muito do progresso de suas idéas retrogradadas na Inglaterra. O seguinte, que citamos e que vem muito a preposito em resposta ás *pitadas* da «Propaganda catholica» indica o nenhum fundamento de tal pretensão.

«— A *Westminster Gazette*, órgão pouco lido dos ultramontanos inglezes, patrocinado pelo arcebispo Manning, acaba de dar uma prova de tocante sinceridade, confessando que a proclamação do dogma da infalibilidade não abriu, como se julgava, uma nova era de triumphos para a Igreja catholica.

A folha citada começa por queixar-se da tibieza dos catholicos, e da sua falta de zelo pelo systema politico—social, cujo remate é o dogma da infallibilidade. Sem duvida, salvas raras excepções, os catholicos inglezes não protestaram abertamente contra o dogma como os allemães; porém mostram-se avessos a tirar as conclusões praticas da doutrina, que admittem na ordem espirital.

Uma das principaes preoccupações do clero catholico, em toda a parte onde a situação lhe permite proceder livremente, é subtrahir as escolas primarias á influencia secular. É o proposito a que miram, a despeito de todas as difficuldades, os bispos da Irlanda; e a hierarchia catholica da Inglaterra não quereria que lhe pudessem estranhar a sua falta de energia na resistencia ás pretensões do estado. A questão da educação tornou-se no nosso paiz o ponto de partida de uma agitação em que o clero catholico representa um papel conspicuo, proprio para crear ao governo serios embarços.

Ha contudo entre o catholicismo irlandez e inglez uma differença sensivel. Em Irlanda o sentimento nacional attrahe em torno dos prelados ainda os catholicos pouco pròpensos a quebrar lanças pelos dogmas da Igreja, ao passo que em Inglaterra, onde os catholicos em summa são tão inglezes como os protestantes, os seculares não se prestam a acompanhar o doutor Manning em sua cruzada contra o systema de educação do governo.

E', pois, opportuno recordar aos catholicos inglezes que os cantos de triumpho foram prematuros, e que o progresso da religião catholica está longe de corresponder á idéa que se concebêra da sua força e do seu porvir. A indifferença dos catholicos inglezes em relação ao poder temporal corre parêlhas com a sua apathia na questão da educação. Na camara dos communs não houve um unico membro catholico que se levantasse para protestar energicamente contra a occupação de Roma, embora nos outros parlamentos se distinguissem os defensores da santa sé pela sua digna e nobre attitude.

A inercia de que se queixa a *Gazeta* provém de outra causa, que ella se abstém de indicar. O partido a que o catholicismo deve a sua renascença em Inglaterra, o unico que inspirava receio aos protestantes era o do Dr. Newman e os seus proselytos de Oxford. O arcebispo Manning e seus adherentes fizeram successivamente desaparecer os jornaes e as revistas que não respiravam unção ultramontana. O Dr. Newman recolheu ao bastidor, e deixou o campo livre á cohorte fanatica, que só falla em authoridade, em obediencia, em suppressão da razão individual.

A tactica produziu os resultados naturaes. Os prelados catholicos já não têm que responder ás objecções de seculares intelligentes e instruidos; e em apparencia a autoridade ecclesiastica domina absolutamente em todos os que professam os seus dogmas. Os catholicos liberaes, os amigos de Lord Acton, deixaram de dividir o rebanho dos fieis. Em compensação a doutrina orthodoxa só é defendida, por entendimentos modicres; e os seculares afastam-se com desgosto do systema clerical, que tendo a identificar o catholicismo com tudo o que é antipathico á nação e hostile á fórma de governo estabelecido. Os ultramontanos semearam a oppressão intellectual; não sorprehende que colham a imbecilidade e a apathia.

## AMAR POR FÉ

Os filhos de Deus amam-n'ò sem ver: amam-n'ò por fé.

Amar a Deus que se não vê, eis aqui a essencia da philosophia.

Para a razão prevertida amar a Deus é um toleima; para os scepticos e infieis é uma loucura, e não obstante, amar a Deus, é o grande principio da philosophia christã no seu mais alto grau.

«Ao qual não havendo visto, o amais; no qual não o vendo agora, porém crendo, vos alegrais com gozo ineffavel e glorioso; alcançando o fim da vossa fé; a salvação das almas (1.<sup>a</sup> Ped. 1, 8, 9.)

Que grande e sublime principio implanta na alma do homem o amor de Deus?!

A ideia mesmo de amar a um Deus que se não vê, ennobrece e eleva o homem.

A ideia de amar um Deus que não vemos com os olhos do corpo excita naturalmente o desejo, gera a esperanza, alarga o campo da meditação; e a intelligencia abysma-se na contemplação d'aquelle Ser immenso e amado ainda que não visto, e em sua natureza e perfeições descançam e se apoiam todas as faculdades da alma.

A crença em um Ser que se não vê, é a mais alta philosophia; o amor a esse Ser é a mais sublime das religiões.

Nós amamos e adoramos a um Ser não visto; vivemos como se vissemos a esse Ser, como vendo o que é invisivel.

Que sublimidade tão grande! Ter consciencia da existencia de um ser presente em toda a parte, que tudo vê, que tudo sabe, que occupa todo o espaço, e que sem embargo é invisivel!

Que principio tão nobre é o amor! Quam opposito ao estado natural dos sentimentos do homem! Quam contrario ao egoismo da sua natureza!

O amor é divino! A implantação d'esse amor no coração do homem, constitue a sua restauração ao estado primitivo, a um estado superior ao de Adão em muitos sentidos, porque engrandece e alarga a esphera do amor, tendo por fim objectos que não existiam no estado *adamitico*.

Houvesse o homem permanecido no estado de innocencia e não teria inimigos; porém o homem cahido no paraizo tem inimigos, aos quaes hade amar e manifestar a sua benevolencia, e ainda perdoar as injurias recebidas.

Por tanto este amor é divino; não meramente em sua origem, mas em seu exercicio, não meramente na supremacia do objecto, mas na sua subordinação.

É semelhante a Deus, porque exerce seus affectos e influencia sobre objectos, nos quaes não encontra amorosa correspondencia.

Deus ama aquelles que o não amam. O christão, com o amor de Deus em seu coração, ama os seus inimigos, faze bem áquelles que o odeiam, e pede por os que o calumniam.

Não é, por ventura, uma cousa nobre amar os inimigos? não é christão, divino, pagar o mal com o bem?

Os philosophos pagãos não descobriram isto; souberam muito da sciencia e philosophia em geral, porém de sciencia pratica tiveram menos conhecimento do que tem o nosso seculo.

Os philosophos pagãos deram formas aos seus deuses imaginarios, e n'este sentido disseram os maiores absurdos, e inventaram os systemas mais extravagantes.

A antiga philosophia ao chegar ao seu apogeo descobriu um pequeno raio de inspiração, pois em Athenas erigiram um altar «ao Deus desconhecido», (Actos XVII, 33), porém, não lhe offereciam sacrificios, nem apresentavam offerendas, nem rendiam homenagem, nem concediam definidos attributos; e em seu culto, se é que lhe tributaram culto de alguma especie, não existia o principio do amor.

Os isrealitas ao apartarem-se do verdadeiro culto cahiram na idolatria; foi este o peccado que maiores calamidades trouxe sobre elles.

A falta de fé em um Deus invisivel, degenerou sempre nas mais absurdas e grosseiras especies de idolatria.

Oh! quam necessario é amar a um Deus que se não vê! Que nobre, que sublime é esse amor!

«Ao qual não havendo visto o amais, no qual não o vendo agora, porém crendo, vos alegrais com gozo inefavel e glorioso, alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas (1.<sup>a</sup> Pedr. I, 8, 9).

Que felicidade tam grande é amar a Deus! porque o amor é de Deus, e qualquer que ama é nascido de Deus, e conhece a Deus (1.<sup>a</sup> S. João. IV, 7).

A religião enche, por ventura, de duvidas e tédio a alma do homem?

Oh! não! A religião é a alegria do coração, a religião é a felicidade da alma; no amor não ha temor antes o perfeito amor lança fóra o temor (João. IV, 18).

O amor é o cumprimento da lei, a obediencia do coração, a submissão da vontade, a purificação dos affectos.

Deus é amor, e o que vive em amor vive em Deus e Deus n'elle. N'isto é o perfeito amor para comosco, para que no dia de juizo tenhamos confiança. (João IV 16, 17.)

G. D.

(Traduzido de lá Luz.)

## NÓS E A PROPAGANDA CATHOLICA

A «Propaganda Catholica» offerece-nos *pitadas*, contando o caso d'uma procissão romana em Londres, a conversão para o romanismo d'uma familia protestante na França, e a entrada do filho do general americano Sherman na ordem dos jesuitas. Pergunta ella que diremos a isto? Dizemos sem hesitação que estas pessoas estavam no seu direito, escolhendo uma religião, segundo a sua consciencia mandava.

É exactamente este direito inalienavel do homem que sempre defendemos, e seremos os ultimos a condemnar uma profissão de fé, que uma pessoa faça por convicção, e não por força.

O collega não nos incommoda com estes casos isolados. Se elle nos offerece *pitadas*, podemos offerecer-lhe *caixas cheias*, citando a conversão de *centenares de milhares* de irlandezes na America, os *milhares* convertidos ultimamente no Canadá pela *ex-padre* Chiniquy; e já que falla na França, «a filha mais velha da Igreja,» offerecemos a obra do sr. M. All em Paris, aonde estabeleceu, depois da Communa, dezoito casas para culto muito concorridas, sendo n'isto favorecido pelas authorities, que lhe agradecem os esforços que faz para trazer o povo á verdade. Igualmente offerecemos Communas inteiras que abandonaram ultimamente o romanismo, pedindo pastores

evangelicos, e a sova monumental que a nação franceza deu no partido clerical nas ultimas eleições, collocando no poder um governo que contém quatro ministros protestantes, ou com sympathias para o protestantissimo.

Agora a procissão em Londres. O collega diz que *sahiu*, não diz que *para a rua*, pois não acreditamos que os romanos se atrevessem a insultar o povo inglez apresentando assim os seus idolos ao publico. No *adro da igreja* podiam fazer o que quizessem.

«E a multidão não os incommodou!» diz a *Propaganda*.

É mais uma confirmação do que adiantamos, que um povo protestante é essencialmente tolerante, sendo para isso bem instruido n'um evangelho de amor, e n'este ponto contrasta com as selvagerias practica-das, ha poucos annos, contra nós n'esta cidade, sendo os cultos atacados por bandos de desordeiros, os assistentes apedrejados e insultados, e até a solemnidade dos enterramentos interrompida, pelos apupos e pedradas, e tudo isto inspirado pelos sermões em *S. Bento* e os artigos do *Direito*. Se não fosse a força armada tinhamos outro *S. Bartholomeu*!

O povo inglez, porém, baseado no evangelho, sabe respeitar os direitos alheios em materias de religião, e por isso é tolerante. Cumpre, porém, dizer que tratam com a mesma tolerancia os judeos e mahometanos, ou mais talvez, porque estes *não fazem da religião uma arma politica*.

R. H. M.

## Estudos Biblicos

NUMERO 2

*O que Deus tem feito com os peccados do crente em Jesus*

TEXTOS DO VELHO TESTAMENTO

- Carregou-os sobre Chrito—Isaias LIII, 6; 11, 12.  
Lançou-os para traz das costas—Idem, XXXVIII,  
17.  
Não se lembra mais d'elles — Jeremias XXXI.  
34.  
Desfel-os como uma nuvem — Isaias XLIV, 22.  
Lançou-os no fundo do mar — Miqueas VII, 19.  
Apartou-os para longe — Salmo CII, 12.  
Lavou-os — Zacharias XIII, 4.  
Não nol-os imputou—Salmo XXXI, 2.  
Cobriu-os — Idem, 1.

## NOTICIARIO

**Progresso do Evangelho.** — Do ultimo relatorio da missão estabelecida na Turquia Asiatica extratamos o seguinte: Igrejas pertencentes á missão 26; membros 2,608; recebidos durante o anno 159; escolas domincaes 36; frequencia, termo medio, 5,404; pontos de reunião incluindo as capellas, 41; assistencia aos cultos, termo medio, 6,131. Ministros naturaes do paiz 16.

Mestres evangelistas, filhos tambem do paiz, 69.  
Escolas diarias 62; discipulos 2:441.

Na missão medica americana, em Foo-chon(China) dirigida pelo dr. Osgood, alcançam-se actualmente bons resultados no tractamento dos fumadores do opio. Tem-se chegado a curar 200 pessoas em seis mezes que eram atreitas a este vicio.

O bispo Wiley estando ultimamente no Japão ordenou o Rev. Yoitsa Honda, primeiro ministro methodista d'aquella nação.

Um livro recente affirma que se tem fechado muitos templos budhistas n'aquelle paiz, e que os especuladores estão comprando os sinos, de magnifico bronze, enviando-os a Inglaterra para se transformarem em moedas.

Constituiu-se uma sociedade missionaria japoneza, sendo o presidente e secretarios todos japonezes.

Os amigos do Evangelho em Montevideu não descansam um momento no seu louvavel fim de annunciar a salvação de graça que ha em Christo.

Ultimamente fundaram-se alli diversas associações para o estudo das sagradas Escripuras. Deus abençoe os esforços feitos por aquelles nossos irmãos, esforços que muito hão de contribuir para o progresso e triumpho da verdade da igreja de Christo, sobre o erro da igreja dos Papas.

**E' triste.** — Na Russia, entre cada oitenta habitantes, só uma pessoa sabe lêr e escrever. Alli, como em outras partes «a ignorancia é a mãe da devoção» isto é da falsa devoção. De quatro em quatro dias, ha um dia santificado, de modo que o mez tem cerca d'oito dias dedicados á ociosidade authorisada pela Igreja Romana.

**Um livro para os reis**—Quando a rainha Victoria foi coroada, o arcebispo de Canterbury, entregou-lhe uma Biblia, dizendo: «Senhora, este livro, que é o melhor do mundo, vos ensinará a governar os vossos subditos e a vós mesma.

**Amor aos animaes**—A excellente folha ingleza, «Te British Workman» diz que uma recente investigação, instituida pela Sociedade Protectora dos animaes nos Estados-Unidos, apurou o facto de que de 2:000 sentenciados que se acham nas prisões do estado, só doze tiveram o costume de ter bichos domesticos (*domestic pets*).

**O libertador das almas do Purgatorio** — A *Propaganda Catholica*, folha CATHOLICA E APOSTOLICA, que vê a luz publica n'esta cidade, inseriu na sua quarta pagina, um annuncio sob o titulo que nos serve de epigraphe, com o fim pouco nobre e digno de armar á credulidade do povo, extorquindo-lhe por este meio alguns vintens, para «libertar as almas do Purgatorio».

Sobre ser torpe é indigno o meio de que se serve tam catholica folha; e d'aqui a emprazamos, para que nos demonstre e prove pela Escripura divinamente inspirada a existencia do logar d'além-mundo; onde os peccados são purificados.

Forte mania! triste missão de «propagar» o erro em vez da verdade!

«Libertar as almas» d'um logar, que apenas foi inventado, como fonte principal de receita, da qual vive e se sustenta a Igreja romana, é proclamar e affirmar maior de todas as heresias.

E depois de duas cousas uma:—ou o purgatorio é um logar de tormentos para todos, ou não. Se é, porque não foram coherentes n'este ponto as folhas devotadas á propaganda catholica, por occasião da morte de Pio IX, dizendo umas que elle tinha ido *direitinho* para o céu, e outras que eram precisos os suffragios dos fieis, pela alma do defunto pontífice?

Horror! sacrilegio!..

Então, Pio IX foi para o purgatorio?—elle que cá na terra tinha as chaves não só d'esse logar como tambem do céu; elle, que publicava bullas e indulgencias para tirar do meio das chammas as almas que muito bem lhe appetecia; elle, que as canonisava e «beatificava» a seu modo?

Como Santo Agostinho diremos apenas:

*Non credo quia absurdum est.*

Desejavamos que a bôa da *Propaganda* nos illudisse a este respeito, e nos demonstrasse que o purgatorio não é uma invenção simplesmente humana e como tal erronea; que não é um engano infame introduzido no christianismo nas edades do obscurantismo; que não é, finalmente, a maior de todas as affrontas arremessada á grande obra da justificação do homem pelo sacrificio de Christo— que offerece a todos uma salvação purificadora e livre «sem dinheiro e sem preço».

Esperamos pois a resposta, mas não em forma de *pitada*, em attenção ao nosso olfato.

A *pitada* pôde bem servir para os mestres da *casuistica*, para nós, não; é simplesmente nauseabunda e intoleravel.

Responda, mas seja uma resposta respeitavel, séria, honesta, e sobretudo legivel.

**Monstro de sotaina**— Com a devida venia transcrevemos da *Voz do Povo* de 12 do corrente a seguinte noticia:

«Um jornal hespanhol narra o seguinte acontecimento escandaloso e brutal que acaba de pôr em sobresalto a povoação de Ampurdanès. Ao que referem. o cura de Estella, tendo uma questão pendente com um seu visinho de S. Lourenço, questão que provinha de qual dos dois tinha direito a uma porção de terreno que o primeiro occupava, foi ter com o respectivo magistrado e depois de lhe expôr as suas razões, viu que não fôra attendido, ficando portanto vencedor o outro pretendente. O padre retirou-se do tribunal protestando vingar-se e proferindo ameaças.

Dois dias depois, estando o lavrador de S. Lourenço a trabalhar no alludido terreno, apparece-lhe o padre de arma ao hombro. O lavrador, que nada podia suspeitar, cumprimentou-o e entabou conversa com elle. D'ahi a pouco o padre apanha o lavrador descuidado e mette a arma á cara, desfecha contra elle e deixa-o n'um estado gravissimo.

Ao estrondo produzido pela detonação appareceu um filho do lavrador, que só encontrou o cadaver do pae.

O assassino tinha-se evadido.»

# ANNUNCIOS

## CULTOS

PORTO—Largo do Coronel Pacheco — Todos os domingos ás 10 horas da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quintas-feiras ás 8 da noite. Aula biblica nos domingos ás 9 horas da manhã.

VILLA NOVA DE GAYA — Logar do Torne ao pé do tunel — Todos os domingos ás 9 horas da manhã e 3 1/2 da tarde. Todas as quartas-feiras ao anoitecer.

LISBOA—Egreja presbyteriana, Rua das Janellas Verdes n.º 2, ministro o Rev.º Roberto Stewart. Cultos inglezes — Todos os domingos ás 11 1/2 horas da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quartas-feiras oração, ás 8 horas da noite. Todos os sabbados á mesma hora, aula biblica.

Na mesma egreja, Ministro, o sr. Manoel dos Santos Carvalho. Cultos portuguezes — Todos os domingos ás 9 horas da manhã e 4 da tarde, e todas as quintas-feiras ás 8 da noite.

Aula biblica todos os domingos ás 3 da tarde e terça-feira ás 8 da noite. — Na rua de S. Miguel á Estrella 85, 3.º, culto todos os domingos ás 7 da noite. Na calçada do Cascão 5, 2.º, todos os domingos ás 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde. No largo de S. Barbara, Arroios 24, loja, todas as sextas-feiras ás 8 da noite.

Egreja Evangelica Episcopal — Rua da Bella Vista á Lapa n.º 24, ministro o Rev.º Antonio Ribeiro de Mello; Cultos em portuguez, todos os domingos ás 11 1/2 horas da manhã, e ás 7 da tarde; todas as quintas-feiras ao escurecer. Aula Biblica na mesma Egreja todos os domingos ás 5 1/2 horas da tarde: escola dominical todos os domingos ás 9 1/2 horas da manhã.

## P.º GUILHERME DIAS

Sermão recitado na inauguração da abertura da capella evangelica methodista portugueza. Preço 120 r. is.

Restam ainda alguns exemplares, os quaes se acham á venda n'esta redacção, e nas capellas da cidade e Villa Nova, todos os dias, excepto aos domingos. Remette-se para as provincias franco de porte.

## DEPOSITO ONDE SE ACHAM Á VENDA AS SAGRADAS ESCRIPTURAS

LISBOA — Janellas Verdes N.º 28.

PORTO—Egreja Evangelica, Largo do Coronel Pacheco.

MADEIRA — Rua da Queimada de Cima, 50.

N'estes depositos encontram-se as sagradas Escripturas em todas as linguas da Europa, e tambem nas linguas originaes, Grega e Hebraica.

Bíblías, traducção de Figueiredo — 500 reis.

Idem, traducção de Almeida — 500 reis.

Novos Testamentos, traducção de Figueiredo — 100 reis.

Idem, traducção de Almeida — 100 reis.

Psalmes, traducção de Almeida — 50 reis.

Evangelho, traducção de Almeida — 30 reis.

Ha um grande sortimento d'estes livros, com ricas encadernações, que se vendem por diversos preços.

## Deposito de tractados e livros

LISBOA, JANELLAS VERDES N.º 4

### OBRAS PUBLICADAS

- Lucilia ou a inspiração das Escripturas, 324 pag. — 100 reis.  
 Preservativo contra Roma, 128 pag. — 50 reis.  
 A joven aldeana, 48 pag. — 40 reis.  
 Vinde a Jesus, 64 pag. — 40 reis.  
 Textos Biblicos, 187 pag. — 300 reis.  
 Reflexões sobre a Virgem Maria, 30 pag. — 20 reis.  
 Nao se deve mudar de religião, 16 pag. — 10 reis.  
 Errie, o criado russo, 16 pag. — 10 reis.  
 O amigo da caça, 32 pag. — 20 reis.  
 O amigo dos peccadores, 48 pag. — 40 reis.  
 O livro dos livros, 56 pag. — 40 reis.  
 Um homem que matava os seus visinhos, 23 pag. — 30 reis.  
 Uma antigualha, 16 pag. — 20 reis.  
 André Dumm, 77 pag. — 40 reis.  
 Hymnos portuguezes (1 vol. encadernado), 215 pag. — 100 rs.  
 Devocionarios, 30 pag. — 20 reis.  
 Evidencias do Christianismo, 76 pag. — 50 reis.  
 Como devemos entender a Bibla Sagrada? 15 pag. — 10 reis.  
 O menino da Matta, 32 pag. — 30 reis.  
 Jessica, 44 pag. — 40 reis.  
 O padre Jacintho, 16 pag. — 10 reis.  
 A doutrina da Egreja de Roma e a doutrina da Biblia, 120 pag. — 50 reis.  
 Biographia de Martin Boos, 188 pag. — 80 reis.  
 Sou Christão? Como o posso saber? 92 pag. — 60 reis.  
 O que é um sacramento, 44 pag. — 30 reis.  
 O culto domestico, 48 pag. — 20 reis.  
 Um homem que abalou o mundo, 80 pag. — 30 reis.  
 Luz do Céu. 126 pag. — 60 reis.  
 O que creem os protestantes, 24 pag. — 15 reis.  
 O Correio francez, 20 pag. — 20 reis.  
 Como lêes tu? 46 pag. — 30 reis.  
 O Culto publico. — O domingo, 20 pag. — 20 reis.  
 O Vigario de Christo. — O Calvario, 22 pag. — 20 reis.  
 A Chamada. — A folha ensanguentada, 24 pag. — 20 reis.  
 Exposição de Factos (na ilha da Madeira), 31 pag. — 20 reis.  
 Um livro maravilhoso, 12 pag. — 10 reis.  
 O amor de Deus, 8 pag. — 10 reis.  
 Os dois Guilhermes, 29 pag. — 20 reis.  
 Trinta livrinhos, cada um, 7 pag. — 5 reis.  
 Caminho de Deus para a paz, 150 pag. — 50 reis.  
 Amigo da Infancia sae cada mez a 10 reis. (com lindas gravuras) e em volumes encadernados dos dois ultimos annos a 300 reis.  
 Um sortimento de livros em inglez de varios preços.  
 Paquetes de cartões illuminados e com textos da Biblia, a varios preços.  
 Do valor de 100 reis para cima, expedem-se estas publicações franco de porte.

## A REFORMA

FOLHA QUINZENAL

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, RUA DA BOA-VISTA, 497. PORTO

Publica-se na primeira e terceira quinta feira de cada mez.

Custo d'assignatura — (paga adiantada) Anno 240, semestre 120 reis: para as provincias accresce o porte do correio.

N'esta redacção vendem-se colleções completas da «Reforma» do 1.º anno: para a cidade custa 240 reis, e para as provincias 250.

EDITOR RESPONSÁVEL—G. P. DIAS DA CUNHA

Typ. de Viuva Bandeira, Tappas, 85. Porto